

Estagiários do Correio: uma nova geração de repórteres que tem o compromisso com a cidade

Histórias de vida e de jornalismo

O **Correio Braziliense** completa 65 anos e, desde então, participa da vida da cidade. A Redação do jornal preserva o legado de grandes profissionais e reforça o compromisso com novas gerações

» EDUARDO FERNANDES

Quando Brasília foi inaugurada, 65 anos atrás, havia apenas o desejo inquieto de Juscelino Kubitschek em tornar este lugar uma referência para todo o país. Isso, claro, tanto do ponto de vista modernista quanto arquitetônico. O que ele não sabia era que, com o nascimento da cidade, novos frutos apareceriam desta terra. Além das belezas erguidas com concreto, como a Catedral e o Museu Nacional, existe aqui outro patrimônio, sinônimo de resistência e de esperança: o **Correio Braziliense**.

Em 21 de Abril de 1960, nasciam Brasília e o **Correio**. Idealizado por Assis Chateaubriand, fundador do grupo Diários Associados, o nome do veículo é uma homenagem ao jornal mensal criado pelo jornalista Hipólito José da Costa, que circulou entre os anos de 1808 e 1822.

Assim, do sonho de Hipólito, veio a realização de Chateaubriand, que construiu um verdadeiro império da comunicação, com diversos jornais e emissoras de rádio e televisão integrando o grupo do Diário dos Associados. Um deles, o **Correio Braziliense**, referência na cidade pelo compromisso com a notícia, coberturas robustas e memórias acumuladas nesses anos todos. Neste veículo existe a certeza de que o bom jornalismo nunca morre, muito menos os responsáveis por tornarem esse lugar tão fundamental para Brasília.

Figuras ilustres do jornalismo nacional passaram pela redação, como o cineasta/jornalista Glauber Rocha. Era responsável por escrever artigos políticos para o jornal, entre os anos de 1977 e 1979. Millôr Fernandes, um dos mais importantes cronistas do Brasil, foi colunista do jornal em 1996. Vários são os nomes que fizeram do **Correio** o que ele é hoje, incluindo aqueles que chegaram e permaneceram, tanto os mais velhos quanto os novos, em um belíssimo encontro de gerações.

Longa trajetória

Uma dessas histórias que se misturam com a trajetória do jornal, é a da jornalista Liana Sabo, colunista de gastronomia. Com 57 anos de casa, ela participou de coberturas que marcaram a história, principalmente política de Brasília. Desde a morte de Juscelino Kubitschek até a posse de José Sarney, Liana esteve lá. “O **Correio** também sou eu. Cheguei aqui menina, vindo do Rio Grande do Sul. Estive nos Estados Unidos e conversei com o presidente Richard Nixon, cobri guerras pelos corredores de Brasília. Fiz de tudo no jornalismo”, relembra.

Liana não somente escreveu sobre histórias, como também se tornou uma. Depois de ser repórter geral, produzir matérias sobre a Presidência da República e inúmeras outras, foi escolhida para um desafio entre os muitos que teve de superar: falar sobre mulheres. “Um editor do **Correio** na época veio até mim e me disse que faríamos uma espécie de suplemento feminino para o jornal”, conta. De início, Liana não sabia o que fazer.

Afinal, estava acostumada com os assuntos voltados para a política. De acordo com ela, não sabia o que mulheres gostavam de ler, de fazer, de experimentar. Teve que mergulhar nesse que era, para Liana,

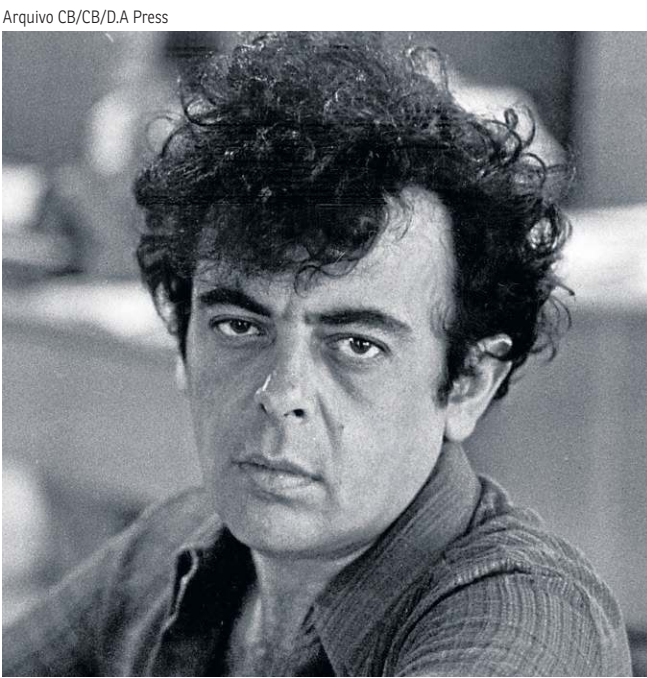


Foto clássica de Glauber Rocha na antiga redação do Correio

Bruna Gaston/CB/D.A Press



Severino Francisco, Liana Sabo e Irlam Rocha Lima: dedicação ao jornalismo e a Brasília

um mundo cheio de possibilidades. Leu revistas, estudou sobre temas e resolveu tentar — assim como sempre tentou. No projeto, intitulado de *Mulher*, a jornalista escrevia sobre moda, maquiagem, artesanato e feminismo. Neste espaço, começou também a produzir reportagens sobre gastronomia.

Na cidade, esse ecossistema era pouco explorado. Aquela repórter que começou em política resolveu revolucionar o que antes nem era cogitado para existir. Se hoje existem blogs de culinária, cursos de gastronomia em Brasília, acredite: é graças a Liana Sabo. “Posso dizer que criei o jornalismo gastronômico aqui”, finaliza. Há quase duas décadas ela assina o Favas Contadas, blog de gastronomia do **Correio**. Desde então, esse tem sido o seu lugar.

Sempre repórteres

Imagine conhecer Cazuza, jogar futebol com Chico Buarque e ser amigo de Gilberto Gil. Irlam Rocha Lima, prestes a fazer 50 anos de **Correio**, sabe como

ninguém o valor de boas histórias. “Entrevistei Renato Russo, tomei uma cerveja com o Dominginhos. Esse jornal é a extensão do que eu sou. Vim do nada, lá da Bahia. Comecei no esporte e agora estou aqui (em Cultura). Trabalhar nesse jornal é o maior prazer da minha vida”, afirma Irlam.

E olha, do alto de suas oito décadas de vida, o vigor permanece o mesmo. O caminhar ainda acelerado é uma provocação ao tempo: “Só vou parar quando não der mais”, brinca o jornalista. Todos os dias, o olhar atento em frente ao computador permanece o mesmo. As matérias de música e arte continuam com a mesma paixão que vem com ele desde o começo. Irlam está à frente da coluna *Sons da Noite* e do blog *Trilha Sonora*, mas não gosta de se chamar de colunista. “Serei repórter até o fim. O resto, bem, é consequência”.

De lendas jornalísticas apaixonadas pela cidade, o **Correio** tem uma grande lista. Cronista do jornal desde 2005, Severino Francisco é um amante da palavra. Literatura, arte e filosofia foram os

combustíveis para que ele chegasse ao cargo que ocupa hoje, como subeditor da Editoria de Cultura. No entanto, não se engane, essa ocupação está longe de ser, realmente, um ofício. Foi, na verdade, a maneira que ele encontrou de canalizar tanta inquietação.

“Nunca pensei em ser jornalista. Minha relação sempre esteve entre a leitura e a escrita”, destaca. Severino começou no **Correio** em 1980 e estendeu sua passagem até 1990. Mal sabia ele que, 15 anos depois, retornaria. “Vivi mais tempo na rua e no **Correio** do que em qualquer outro lugar. Vivo esse jornal, todos os dias é uma luta e um leão. Mas nunca me canso, tenho energia de sobra”, completa. Severino conheceu Athos Bulcão e até tomou um porre com Vinicius de Moraes. Sua grande paixão é Brasília. Essa cidade é a sua casa.

De olho no futuro

Como um bom jornal, as histórias nunca param de ser contadas. Por isso que uma nova geração é tão importante,

para continuar caminhando pelas estradas construídas por Liana, Irlam e Severino. Desde pequena, Giovanna Sfalsin, 19, se considera comunicativa e curiosa. “Quería entender o porquê das coisas, ouvir histórias e compartilhar tudo que aprendia. Sempre gostei de ajudar as pessoas e, de alguma forma, sempre vi na comunicação uma ponte para isso”, ressalta. Estagiária da editoria de Cidades desde o ano passado, descobriu no jornalismo uma maneira de se conectar com as pessoas.

Estar no **Correio** tem sido uma experiência marcante. É uma escola, sem dúvida. E trabalhar na editoria de Cidades torna tudo ainda mais especial, porque é onde o jornalismo ganha rosto, nome e emoção. A gente fala com gente real e conta histórias que muitas vezes passam despercebidas”, descreve.

Viver coisas diferentes e conhecer pessoas é o que motivou Emanuel Araújo Santos, 20, a cursar jornalismo. Em um jornal tão tradicional, ela traz ao mundo digital uma nova era para o **Correio**, sendo uma jovem promissora na editoria de Multimídia. “Quando era pequena, meu pai comprava o **Correio** e pegava a seção de política. Eu ficava com a de diversão e arte. E hoje em dia ler uma matéria que eu escrevi ou da qual participei, além de ser superlegal, é algo que eu acredito que só o **Correio** poderia me proporcionar”, enfatiza.

Quando mais novo, Arthur Ribeiro, 24, gostava de se aventurar na escola ao tentar escrever poemas. “Lembro de falar aos meus pais que queria escrever um livro”, conta. Dessa forma, começou a trabalhar com as palavras. Afiçado por esportes, o jovem não é daqueles que só fala de futebol. Se quiser saber sobre basquete, Fórmula 1 e futebol americano, ele é uma enciclopédia viva.

“O **Correio** foi a minha principal escola de jornalismo. Passei seis meses como estagiário de Cidades e hoje estou na editoria de Esportes. Aqui aprendi todas as ferramentas para ser um jornalista, desde a ética, a qualidade na escrita, a apuração, saber ouvir e conseguir superar a timidez”, revela.

Como jornalista esportivo, pôde realizar muitos dos seus sonhos de infância, estando em eventos que ele somente imaginava. Cobrir eventos que só via na televisão, como Fórmula 1, Libertadores, Copa do Brasil, NFL, basquete, tênis. “Me sinto realizado, ainda mais por poder escrever sobre aquilo que amo”, ressalta.

Mesmo aos 19 anos, Maria Luísa Magalhães carrega de berço um amor por filmes e livros. “Por isso mee encontrei no curso de jornalismo, e hoje não me imagino fazendo outra coisa. Gosto das aulas, dos trabalhos e da profissão, tudo me reforça diariamente que é o que nasci para fazer”, comenta.

A experiência no jornal, que começou no ano passado, tem sido maravilhosa. Estagiar em Cultura é estar onde ela sempre quis, escrevendo sobre assuntos dos quais um dia imaginou, mas que não achou que aconteceria — pelo menos não tão rápido.

“Trabalhar no **Correio** é muito significativo. Mais que um nome no currículo, tudo depende de como a pessoa se porta no estágio para elevar a experiência e realmente aprender algo que vai ficar com você durante toda sua carreira”, finaliza.